



ANÍBAL *VERSUS* CAPOSSO: PRIMEIRO COMO EPOPEIA E
TRAGÉDIA, DEPOIS COMO FARSA

ANÍBAL *VERSUS* CAPOSSO: FIRST AS EPICS AND TRAGEDY,
SECOND AS FARCE

Oswaldo Silva¹

Recebimento do texto: 10/10/2017

Data de aceite: 01/11/2017

RESUMO: O artigo visa explorar, a partir da alusão à famosa frase de Karl Marx em *O 18 Brumário de Luís Bonaparte*, as linhas de continuidade e ruptura estético-políticas entre os romances *A geração da utopia* (1992) e *Predadores* (2005), ambos do escritor angolano Pepetela, tendo como objeto de análise comparativa a construção das figuras de Aníbal e de Vladimiro Caposso. Com efeito, epopéia, tragédia e farsa são aqui encaradas não enquanto gêneros literários em sentido estrito, mas antes como traços estilísticos que conferem individualidade ao caráter e ao percurso dos referidos protagonistas.

PALAVRAS-CHAVE: Aníbal; Caposso; caráter épico; caráter trágico; caráter burlesco.

ABSTRACT: The text seeks to explore, from the allusion to Karl Marx's famous phrase in *18th Brumaire of Louis Bonaparte*, the lines of aesthetic-political continuity and rupture between the novels *A geração da utopia* (1992) and *Predadores* (2005), both from Angolan writer Pepetela, whose object of comparative analysis is the construction of the figures of Aníbal and Vladimiro Caposso. In fact, epic, tragedy and farce are not regarded here as literary genres in the strict sense, but rather as stylistic traits that confer individuality to the character and course of those protagonists.

KEYWORDS: Aníbal; Caposso; epic character; tragic character; burlesque character.

¹ Pesquisador no Centro de Estudos Africanos (CEA) da Universidade Católica de Angola (UCAN). Doutorando em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa pela Universidade de São Paulo (USP). Bolsista CAPES. E-mail: o.sebastiao.silva@gmail.com





País de predadores, foi nisso que nos tornaram.
(ANÍBAL, p. 338)

*Que se lixe a política, o partido e o marxismo! Quero
é acumular fortuna e todos me respeitarão, pedirão favores,
por muito marxistas que sejam.*
(VLADIMIRO CAPOSSO, p. 339)

A geração da utopia (1992) e *Predadores* (2005), de Pepetela, são dois romances que se reportam a dois momentos social, econômica e politicamente distintos da história de Angola. Como os respectivos títulos já deixam ver, no primeiro, a narrativa se propõe reler o percurso de uma geração animada pelo sonho de edificação de uma Nação, ao passo que, no segundo, o foco desloca-se para os desmandos praticados por uma geração mais jovem, cerca de trinta anos após a consagração da independência do país. O contraste entre os dois momentos não podia ser mais declarado.

Se, em *A geração da utopia*, as personagens centrais se reúnem em torno de um projeto coletivo que, ao final da primeira etapa, vai dando já sinais de falência, em *Predadores*, a cena é tomada pela impossibilidade de qualquer anseio coletivo de transformação ou edificação. Sob essa perspectiva, pode-se dizer que, apesar do recorte histórico distinto, em compensação, os romances não deixam de ser complementares, na medida em que o segundo procede a uma espécie de avaliação crítica do passado à luz do presente, procurando desvelar os descaminhos do processo de concretização da utopia representada no primeiro.

Entre as personagens centrais de *A geração da utopia*, Aníbal (também conhecido por Sábio, seu pseudônimo de guerra) é quem mais se destaca. Ele é a figura que melhor encarna as ideias de liberdade e cuja conduta, no período pós-colonial, diverge da de outros compatriotas de sua geração, demonstrando fidelidade em relação aos propósitos do projeto nacionalistas. Daí que, ao final do romance, o seu destino, apesar de digno e





louvável, seja revestido de impotência e amargura em face do triunfo de novos tempos, em que a voragem dos interesses individuais já se anuncia.

Ao contrário de Aníbal, Vladimiro Caposso, a personagem principal de *Predadores*, é um herói declaradamente negativo, do princípio ao final do romance. Em lugar de se opor ao mundo, ele se apresenta como a expressão máxima de suas iniquidades. A sua conduta tem como finalidade o interesse individual, seu e de sua família, bem como não olha a meios. A ascensão na pirâmide social e econômica corresponde a uma busca por assim dizer inautêntica, porque pautada na alienação em relação ao caráter regressivo dos valores que regem a estrutura de relações sociais da qual se favorece.

Neste sentido, importa saber em que medida cada um desses protagonistas constitui uma aparição distinta no curso de um mesmo processo histórico: primeiro como epopeia e tragédia, depois como farsa. A hipótese é de que ambas as personagens seriam os heróis necessários e possíveis para as condições dadas nos momentos históricos configurados em cada um dos romances. Aníbal seria o herói necessário e possível para a representação do período que vai da luta pela independência de Angola ao princípio do fim do regime monopartidário, assim como Caposso seria o herói correspondente à tematização do contexto da abertura democrática e da economia de mercado.

Aníbal, primeiro como epopéia e tragédia

Em *A geração da utopia*, a narrativa abarca trinta anos: de 1961, ano que assinala o início da guerra de libertação nacional, a 1991, ano em que se anuncia a transição do regime monopartidário para a democracia e da economia planificada para a economia de mercado². Entre esses limites

² Consagrada na Lei Constitucional de março de 1991, essa dupla transição se efetivou através da realização das primeiras eleições multipartidárias, em setembro de 1992.





temporais, são recriados quatro momentos e espaços que marcam o percurso de um grupo de jovens nacionalistas, consubstanciando-se nas quatro partes que compõe o romance, designadamente: “A casa” (1961), “A chana” (1972), “O polvo” (abril de 1982) e “O templo” (a partir de julho de 1991). Na primeira parte, a ação desenrola-se em torno da gestação do ideário nacionalista no seio dos estudantes angolanos que frequentam à Casa dos Estudantes do Império (CEI), em Lisboa. No segundo, o cenário é o da guerra de libertação nas chanas³ do leste de Angola. Já no terceiro e quarto capítulos, a narrativa capta as maneiras pelas quais as personagens procuram inserir-se na sociedade angolana pós-colonial, apontando para a divergência de destinos.

Desde as primeiras páginas do livro, Aníbal é caracterizado por meio de atributos ao mesmo tempo excepcionais e trágicos: “sempre agarrado aos livros e as ideias, não era um tipo alegre” (PEPETELA, 2004, p. 12), embora fosse nascido em Luanda⁴. O enunciado corresponde a um monólogo interior de Sara, a amiga médica e futura companheira de luta em prol da independência de Angola, e remete para o período de ativismo estudantil em Lisboa, no início da década de 1960. Para ela, ironicamente, a tristeza de Aníbal afigura-se próxima do caráter melancólico do povo português e, em contrapartida, distante da alegria esfuziante dos africanos, o que o torna um negro invulgar entre os estudantes provenientes das colônias portuguesas em África. Mas, ao contrário da resignação típica dos portugueses, Aníbal detém “uma tremenda força interior”, apesar da estatura física de que dispõe dar “uma sensação de fragilidade a quem não o conhece” (PEPETELA, 2004, p. 22).

³ Grande planície desprovida de árvores, sempre alagada na época das chuvas.

⁴ Subentendido está o estereótipo do luandense como alguém naturalmente alegre e pouco responsável em relação às coisas sérias da vida.





Note-se que páginas mais diante, movida por ciúme, a amiga viria a relativizar a imagem imaculada (“uma espécie de sacerdote”) que construíra a respeito de Aníbal nos primeiros momentos da narrativa, passando desde então a vê-lo “apenas como um ser humano” (PEPETELA, 2004, p. 121-122); mudança de atitude que, entretanto, não apagaria a profunda admiração que por ele sempre teve nem a aura de excepcionalidade e tragicidade que recobre o seu percurso ao longo de toda a narrativa.

Essa caracterização contrasta, à partida, com o retrato que Sara e o narrador fazem da figura de Malongo, pois esse tem “poucas ideias na cabeça”, trocara os estudos pelo futebol, é amante de farras, dado à bebida e tem o “passo gingão”, além da “cara toda aberta num sorriso”, o que o torna um “um tipo alegre, até demais” (PEPETELA, 2004, p. 12-19). Aníbal é baixo, magro, olhos profundos, lábios e nariz pouco grossos, ao passo que Malongo é alto e forte, de olhos saídos (PEPETELA, 2004, p. 17-22).

Acresce que, embora namorasse Malongo, com quem viria a ter uma filha, Judite, Sara sempre desejara, secretamente, Aníbal. Por aquele sente paixão, atração sexual, enquanto esse lhe inspira comunhão. Se pudesse, “Faria amor com ele para com ele se fundir, comungar” (PEPETELA, 2004, p. 61).

Tal contraste pré-anuncia, com efeito, o desencontro entre os destinos de Aníbal e Malongo na última parte de *A geração da utopia*. Trata-se de um dado relevante, na medida em que é possível notar certo grau de parentesco entre Malongo e Vladimiro Caposso, tanto nas ações como na visão de mundo. É como se o primeiro fosse uma versão não acaba do segundo, ou como se o segundo fosse a consumação radical do que já estava posto na figuração do primeiro⁵.

⁵ É ainda possível estender o parentesco à Carmita Cara de Cu, protagonista de *O desejo de Kianda* (1995), do mesmo Pepetela.





Como estudante, Aníbal fora ao mesmo tempo exemplar e engajado, no sentido moderno do termo (DENIS, 2002, p. 31-43). Alvo de admiração de colegas e amigos, mas também de rancores vindos de professores e de suspeitas e ameaças por parte da polícia política portuguesa (PIDE⁶):

Conseguira fazer o curso, pago com a bolsa duma igreja protestante, com notas brilhantes e muitas vezes defendendo ideais totalmente contrárias às dos professores. Ganhara fama no meio universitário e muita gente, mesmo de outros cursos, ia assistir às suas provas orais, adivinhando polémica. A assistência ficava raramente frustrada. Perante a sua solidez de argumentos, os professores tinham de o classificar com notas máximas, apesar das posições progressistas defendidas pelo examinando. A tese de fim de curso apareceu como uma provocação, uma análise da política colonial no século XIX, em que demonstrava que o Estado Português liquidou a burguesia angolana que ganhava consciência da sua diferença e se encaminhava para a posições autonomistas inspiradas nos princípios da Revolução Francesa. Foi várias vezes chamado à Pide, evidentemente (PEPETELA, 2004, p. 22-23).

Aníbal apresenta-se, assim, por um lado, como um “indivíduo problemático” (LUKÁCS, 2009, p. 79), em oposição ao mundo colonial, às suas instituições e aos valores que o constituem. A visão de mundo que postula, bem como a postura intelectual que adota, entram em rota de colisão com a ideologia dominante. Isso faz dele uma ameaça ao poder instituído. Por outro lado, ele não deixa ser um *tipo* com significado épico, sendo que procura afirmar-se como o representante de um mal-estar comum, de uma busca ou causa que se quer totalizante (LUKÁCS, 2009, p. 195-201), por isso sem lugar no espaço da sociedade colonial.

O pouco tempo passado no exército português, onde cumpre serviço militar obrigatório, aguçara ainda mais a sua revolta contra o regime colonial. Enquanto soldado, Aníbal não demora a perceber que as expedições militares em África não têm outro objetivo senão “matar negros” (PEPETELA, 2004,

⁶ Polícia Internacional e de Defesa do Estado.





p. 679), com vista a impor um regime de subjugação aos povos nativos. É contra esse regime que ele decide insurgir-se, agora não mais no campo da polémica ou das ideias, mas sim no terreno da práxis política. Por isso, um ano depois da recruta em Mafra, decide desertar para, após a fuga clandestina de Lisboa rumo a Paris, se juntar ao MPLA⁷, único movimento de libertação cujos líderes, de acordo com suas próprias palavras, “oferecem muito mais garantias de seriedade” (PEPETELA, 2004, p. 22). A sua deserção, apenas guardada em segredo por Sara, a quem confidenciara semanas antes de a concretizar, viria a ser encarada como um ato heroico, motivo de orgulho para amigos e ex-colegas:

Houve risos abafados, olhares brilhantes, gestos de vitória. Aníbal era fixe⁸, só que não andava a gritar aos quatro ventos o que passava na cabeça, nem qual era o seu dever. As conversas ciciadas se tornaram mais animadas, os amigos apresentavam rostos mais alegres, apesar dos tempos (PEPETELA, 2004, p. 76).

Já na condição de guerrilheiro, nas chanas do leste de Angola, depois da curta passagem pelo exílio em Paris, além de demonstrar ser destemido de armas nas mãos, Aníbal enfrenta diversos conflitos de interesse, diante dos quais assume posições que revelam a integridade de seu caráter. De fato, apesar de nunca deixar de acreditar na vitória sobre os tugas⁹, mesmo em momentos de crise e de desesperança (“Então quem duvida da vitória dos portugueses? Só lunáticos como o Sábio” (PEPETELA, 2004, p. 173)), não omite o seu descontentamento a propósito da forma excessivamente burocrática como a Direção Política do MPLA se relaciona quer com a guerrilha nas matas, quer com as populações rurais.

⁷ Movimento Popular de Libertação de Angola.

⁸ Pessoa de boa índole.

⁹ Termo pejorativo para se referir aos portugueses.





Aníbal repudia a ideia de prestar vassalagem aos dirigentes e detesta o “clima de manigâncias políticas que se vive na fronteira¹⁰” (PEPETELA, 2004, p. 171), onde se encontra instalada a referida Direção. Em sua opinião, o não cumprimento das promessas feitas pelo topo da hierarquia está na base do descrédito de que a luta armada pela Independência passou a ser alvo aos olhos das populações locais camponesas, pois essas não têm tido a contrapartida esperada do apoio moral e material que fornecem aos guerrilheiros nacionalistas.

O colonialista é o colonialista, acabou. Dele não há nada a esperar. Mas de nós? O povo esperava tudo de nós, prometemos-lhe o paraíso na terra, a liberdade, a vida tranquila do amanhã. Falamos sempre no amanhã.

[...]

Vão ver, vem tecido, vem sal, vêm técnicas, já estão a caminho. E o povo esperava. O tecido não atravessava a fronteira, era gasto em bebida, o sal serve só para salgar os rios da Zâmbia, os técnicos ficam vivendo bem na Europa. E o povo nu, cultivando para os guerrilheiros, sem compensação senão um bombardeamento ou uma investida inimiga. Um povo cansa-se se só ouve mentiras. Nada foi organizado, já não digo para melhor, mas pelo menos para manter o nível de vida da população (PEPETELA, 2004, p. 157).

Na mesma senda, Aníbal manifesta-se contrário aos diferentes tipos de “divisionismo” que grassam no seio dos guerrilheiros: tribalismo, regionalismo, racismo, etc. É assim que grande parte do longo diálogo que compõe o capítulo 5 da segunda parte do livro tem no centro o problema da coabitação entre identidade étnica e identidade nacional. Diferente da posição assumida por Vítor (Mundial), que se identifica como ovimbundu¹¹ e acusa

¹⁰ Referência à fronteira entre Angola e a Zâmbia, onde esteve instalado o Comitê Diretor do MPLA.

¹¹ Etnia do centro-sul de Angola.





os kamundongos¹² de terem sido a fonte de discriminação regional no interior da guerrilha, Aníbal prefere assumir apenas o estatuto de angolano, pois considera que todas outras formas de identidade têm apenas servido para dividir o povo, impedindo que ele se una em torno do objetivo comum, que é a luta pela independência. No entanto, Aníbal não ignora que o comportamento oportunista dos guerrilheiros é reflexo direto da demagogia, da concentração de poder, da estrutura de privilégios e da corrupção que se verificam na atuação da classe dirigente:

Agora, são os responsáveis do Leste que agitam os guerrilheiros e o povo contra os kamundongos. [...] Para o oportunista tudo vale, mesmo a mentira mais grosseira. A massa vai apoiar, a demagogia domina, então porque não aproveitar para sujar o nome dos outros, mesmo do amigo de antes, para apanhar um posto, de preferência civil, pois é aí que se tem acesso aos bens materiais? (PEPETELA, 2004, p. 160).

Ao mesmo tempo que expõe a sua retidão de princípios, Aníbal provê uma espécie de antecâmara das fraturas e dos conflitos no futuro pós-colonial. A sua inserção na *nova sociedade* é feita não mais de maneira problemática, assim como fora em relação à metrópole colonial, mas sim trágica. Logo após o fim da guerra de libertação nacional, Aníbal é dado como morto pelos antigos companheiros durante algum tempo. Apesar dos mujimbos¹³ se terem revelado falsos, “acabaram por o esquecer na frente, ninguém e lembrava de o mandar chamar e ele também não recuava sem ordem” (PEPETELA, 2004, p. 219). As tentativas de reconhecimento ou de cooptação de que depois é alvo, com a atribuição de uma bolsa de estudo para o curso militar na União Soviética e a nomeação ao posto de comandante do exército, não são suficientes para mantê-lo junto ao poder. Como não podia ser diferente, o seu

¹² Indivíduos pertencentes à etnia Ambundu, originária do antigo Reino do Ndongo.

¹³ Boato, em Tchokwé, língua falada na região leste de Angola.





afastamento – geográfico e ideológico – é visto com enorme surpresa e suspeita nos círculos institucionais da capital, como faz saber Sara num diálogo entre os dois na praia da Caotinha, em Benguela, onde Aníbal decide morar definitivamente:

– Deves concordar que a tua desapareção da cena política surpreendeu muita gente. Ofereceram-te vários cargos, ao que constou. O Vítor disse-me que até para ministro. E tu vieste para aqui, longe de tudo, sem contactar ninguém. É pelo menos um comportamento especial. Depois de uma vida inteira de luta... (PEPETELA, 2004, p. 224).

Em termos realistas, pode-se dizer que Aníbal não se reconcilia com o mundo exterior, a despeito de inúmeras tentativas de aproximação. A impossibilidade de reconciliação do herói com o mundo manifesta-se no que Georg Lukács (2009, p. 117) designa por “romantismo da desilusão”. Essa impossibilidade se consubstancia na “inadequação que nasce do fato de a alma ser mais ampla e mais vasta que os destinos que a vida lhe é capaz de oferecer” (LUKÁCS, 2009, p. 117).

Em todo o caso, Aníbal não se enquadra no perfil do herói da *desilusão romântica*, o qual Fredric Jameson (1985, p. 139) chama “herói passivo-receptivo”, uma vez que Aníbal não é desde o início “contemplativo”. Muito menos a “sua estória está sempre a ponto de dissolver-se no puramente lírico e fragmentário, numa série de momentos e disposições subjetivas nas quais se perde a narrativa autêntica” (JAMESON, 1985, p. 139). Ou seja, o herói de *A geração da utopia* não se confunde com o herói de *A educação sentimental* (1869), de Gustave Flaubert, pois, embora derrotado pelas forças superiores do mundo, Aníbal não recorda os seus fracassos em harmonia consigo mesmo, como ocorre com Frédéric Moreau.

Em lugar de reivindicar um reencontro frustrado com mundo, Aníbal estabelece, segundo Sara, “um corte radical com o sistema” e impõe-se “um





exílio voluntário” (PEPETELA, 2004, p. 234). A sua visão do país transforma-se em distopia¹⁴, na medida em que deixa de acreditar na possibilidade de um futuro a partir do presente: “Não temos futuro, nem representamos o futuro. Já somos o passado. A nossa geração consumiu-se” (PEPETELA, 2004, p. 240). Na verdade, o seu fim trágico e de desilusão fora prognosticado por diversas vezes ao longo da narrativa, como no comentário de Marta, ainda no final da primeira parte do livro:

– Se não morrer, o que se enquadra melhor com a sua maneira de ser, vai desiludir-se. A tal revolução de quem tem à frente não vai ser como ele a imagina. Nunca nenhuma é como os sonhos dos sonhadores. É um sonhador, apesar de toda a sua linguagem rigorosa de comunista (PEPETELA, 2004, p. 124).

No entanto, para Aníbal, Marta enganou-se: “colocou a questão numa alternativa. Eu morri e desencantei-me. Os dois caminhos num só” (PEPETELA, 2004, p. 225).

Caposso, depois como farsa

Por sua vez, *Predadores* tem como fio condutor a ascensão social e econômica de Vladimiro Caposso, um homem de origem humilde, que, por intermédio de esquemas partidários e uso do aparelho de Estado em benefício próprio, se torna um poderoso empresário. Os vinte capítulos que compõem o livro, em numeração arábica, trazem na abertura as datas dos eventos a que se reportam. Assim como em *A geração da utopia*, a narrativa estabelece um pacto com o passado histórico, com referências a espaços, eventos, datas e personalidades reais. Sucede, entretanto, que o narrador, constantemente intrusivo e acintoso, não expõe os eventos de forma linear, do que resulta a

¹⁴ Conforme analisado por Inocência Mata (2010, p. 285-298).





completa alteração da ordem cronológica da ação, a qual se situa entre novembro de 1974 e dezembro de 2004.

Ao contrário das primeiras páginas de *A geração da utopia*, as primeiras linhas de *Predadores* relatam, em jeito de romance policial, um duplo assassinato perpetrado por Caposso. As vítimas são Maria Madalena, sua amante, e Toninho, o namorado, mortos sem piedade a tiro de revólver enquanto faziam amor. A ocorrência coincide com uma passeata política nas ruas de Luanda, que assinala a proximidade da realização das primeiras eleições multipartidárias no país, em Setembro de 1992. Tendo em conta esse fato, Caposso considera a possibilidade de forjar indícios que atribuíssem a autoria do crime à UNITA¹⁵, o partido da oposição:

Se atirasse as culpas para a UNITA, o partido que afrontou o governo na guerra civil e cuja violência era reconhecida até pelos próprios aderentes mais imparciais, ninguém ia investigar nada. A polícia governamental acusaria a UNITA, esta se defenderia, dizia ser manobra política para a desmoralizar antes das eleições, o partido no poder, o MPLA, aproveitava imediatamente para relembrar outros crimes cometidos pelos rivais, a polémica se instalaria e ninguém ia investigar coisa nenhuma (PEPETELA, 2008, p. 18).

Mas, conforme a narração vai avançando, o leitor sem grande esforço conclui que Caposso não é um assassino profissional, e sim um novo-rico angolano, para o qual, mais uma vez, os fins pessoais justificam os meios mais bárbaros, injustos e trapaceiros.

A despeito da origem familiar e social humilde, bem como da ingenuidade e da apatia que demonstra nos primeiros anos de residência em Luanda, depois de deixar o Kwanza Sul, Caposso facilmente revela sagacidade para a mentira e fumaças de grandeza, a começar pela corrupção

¹⁵ União Nacional para a Independência Total de Angola, um dos três principais movimentos de libertação de Angola envolvidos, após a independência, na longa guerra civil.





pecuniária e pela adoção de uma falsa identidade que o permitem ingressar nas estruturas de base do MPLA logo após a independência:

[...] o funcionário contrapôs imediatamente e de forma pouco amistosa, sem testemunhas é muito difícil ser admitido, compreende, há muita gente que era da Pide ou dos movimentos inimigos e querem entrar na organização para sabotar pelo interior, nós temos de evitar as infiltrações, mas cochichando a seguir, claro que algumas notas tapam os buracos e evitam as infiltrações e ele (Caposso) suando perguntou quanto era preciso para tapar os vazamentos, tendo obtido resposta satisfatória, tinha o suficiente no bolso. Deu então os dados que o outro pedia para preencher uma ficha e o respectivo cartão.

– Nome?

– Vladimiro Caposso (ao invés de José Caposso).

– Vladimiro?

– Como o Lenine. O meu pai era um revolucionário há muitos anos (ao invés de um simples enfermeiro).

[...]

– Naturalidade?

– Catete [ao invés de Calulo] (PEPETELA, 2008, p. 134-135).

Do mesmo modo, Caposso consegue uma nova carteira de identidade e um falso certificado escolar, atestando que “tem a sexta classe feita”, o que o permite, através do *esquema do favor*, ser empregado “como ajudante do secretariado” no Ministério da Educação (PEPETELA, 2008, p. 152-153). Dá-se, assim, o início de uma mobilidade ascendente que envolve desde o desvio de bens públicos, passando pela expropriação de terras comunitárias no centro-sul de Angola, até a venda ilícita de armas para a guerra civil no Congo¹⁶ com a ajuda de Désiré, o sócio local (PEPETELA, 2008, p. 175-368).

Desde então, sempre que pode, Caposso usa da influência pessoal e do poder financeiro para transgredir as normas, como quando faz com que o

¹⁶ República Democrática do Congo.





filho Ivan, um pequeno delinquente, não cumpra o serviço militar obrigatório, considerando que apenas os filhos dos pobres têm esse dever (PEPETELA, 2008, p. 383). Ou ainda quando o mesmo Ivan, desencartado e ao volante do jipe do pai, atropela mortalmente Simão Kapiangala, um mutilado de guerra que mendigava pelas ruas de Luanda, e é chamado a responder judicialmente por seu ato:

Caposso não ousou acreditar na palavra do ministro, untou todos os dedos que no dia seguinte apontavam para ele, **entrou com um maço de dólares na polícia e saiu de bolso vazio mas com o filho pelo braço**, lhe segurando com força não por carinho mas apenas por medo que ele fugisse e lhe arranjasse mais algum problema (PEPETELA, 2008, p. 243, negrito nosso).

Diferentemente do que ocorrera com Aníbal, o seu afastamento dos círculos do poder não é fruto de uma profunda desilusão ideológica, mas sim porque é malsucedido num esquema interno ao partido (MPLA), do qual participa como cobaia, vindo a saber apenas mais tarde. Frustrado por ver as suas ambições políticas deitadas por terra, Caposso enfim decide optar por um discurso aparentemente coincidente com a conduta que adotara havia já algum tempo:

Depois do famigerado congresso (do MPLA), sempre se aperceber, começava a procurar pela primeira vez uma coerência entre os princípios que defendia e a sua própria prática. **E como próprio Marx concordaria, a sua prática devia determinar os seus pensamentos e palavras, não o contrário.** [...]

A conclusão final a que tinha chegado lhe aparecia agora limpidamente como uma espécie de vingança gizada a frio. Usaram-me no congresso, prometeram promoção e não cumpriram? Foram filhos-da-puta? Pois bem, dou a volta por cima, acumulo kumbú¹⁷ e mais kumbú, vou rir de vocês todos a rastejar aos meus pés, fiquem com o vosso partido e eu com o dinheiro feito meu, veremos o que vale mais (PEPETELA, 2008, p. 338-339, negrito nosso).

¹⁷ Dinheiro.





Marxismo e capitalismo – e mais quantos *ismos* houver – servem aos mesmos propósitos, desde que em questão estejam o ressentimento moral e a ambição pessoal desmedida. Não importa a origem nem a natureza das ideias, pois o que vale é que elas possam ser usadas quando convém. A impostura transvestida de coerência produz um feito humorístico próprio à farsa. Caposso não interioriza ideologias políticas ou econômicas, mas as usa em chave caricatural e decorativa, tendo como finalidade única o poder real e simbólico que o dinheiro é capaz de conferir.

Em outras palavras, ao serviço dos novos-ricos angolanos, as ideias europeias dão, assim, a impressão de estarem “fora do lugar”, gerando uma “comédia ideológica” específica, diferente da europeia (SCHWARZ, 2000, p. 12)¹⁸.

As marcas de inautenticidade de Caposso revelam-se em todas as esferas da vida, não se limitando ao plano da ideologia, como, por exemplo, na sua relação com a religião e a arte. Na intenção de construir um complexo turístico, com hotéis e *resorts*, na ilha do Mussulo, um antigo patrimônio confiscado pelo Estado angolano pós-independente mas que mais cedo ou mais tarde seria restituída à Igreja Católica, Caposso aventa a hipótese de vir converter-se do dia para noite:

“Se fosse preciso, casava pela Igreja com Bebiãna (a esposa), só para ter acesso a um negócio milionário daqueles [...]. Para ele, criar um grande centro de turismo na ilha também valia um casamento na Igreja, e os antigos camaradas que se lizassem, podiam até rir pelas costas” (PEPETELA, 2008, p. 79-80).

¹⁸ Embora Roberto Schwarz (2000, p. 9-31) utilize a referida metáfora para caracterizar um espaço-tempo específico – o do Brasil do século XIX tal como representado nos romances machadiano da primeira e segunda fase –, ela pode ser válida para a condição das elites em outros contextos ex-coloniais, desde que salvaguardadas as devidas distâncias. “[...] nas ex-colônias [...] o liberalismo não descreve o curso real das coisas – nesse sentido ele é uma ideia fora do lugar. Não impede contudo que ele tenha outras funções. Por exemplo, ele permite às elites falarem a língua mais adiantada do tempo” (SCHWARZ, 2012, p. 170-171).





Raciocínio análogo subjaz aos seus intentos em parecer, para os vizinhos e convivas, pessoa culta e viajada. Embora fosse ignorante em matéria de arte arquitetônica e de Paris apenas conhecesse as boates que frequentara, Caposso manda a construir, no jardim da frente de sua casa em Alvalade¹⁹, uma réplica da Torre Eiffel, em demonstração de “carinho pela capital francesa” (PEPETELA, 2008, p. 293), o que só pode significar uma extravagância esvaziada de sentido. A ostentação de bom gosto resulta no seu contrário, já que a cópia sempre excede o original: “O máximo do novo-riquismo boçal, um espalhafato de mau gosto, tinha sido comentado nos jornais da terra” (PEPETELA, 2008, p. 293).

Ao final de seu percurso, Caposso não faz um balanço pessimista, distópico ou anti-utópico da sua vida e do país, a exemplo de Aníbal. Ele ainda conserva algum patrimônio adquirido de forma ilícita, apesar de ver os principais negócios cair em falência por incompetência própria e por ação de predadores com maiores tentáculos, nomeadamente os sócios Karim e Omar. Isso lhe permite projetar reerguer-se num futuro próximo e, conforme tudo indica, através dos mesmos negócios espúrios:

Os novos donos do país têm necessidade absoluta de meter alguma ordem no circo, de parecer defender a legalidade, para poderem continuar a comer do melhor que os pais acumularam ilicitamente. Essa é a lei da vida. E muito haveria Vladimiro. No momento certo... (PEPETELA, 2008, p. 540).

À guisa de conclusão

Aníbal e Vladimiro Caposso não representam apenas duas gerações diferentes – a que lutou pela independência de Angola e se desiludiu e a que enriqueceu após a transição para a economia de mercado –, mas também duas

¹⁹ Bairro de classe alta em Luanda.





tendências sociais e ideológicas que correspondem a formas específicas que o processo histórico do país tomou.

Aníbal é, num primeiro momento, uma personagem *tipo* porque concentra, em sua busca, uma vontade geral, coletiva, de liberdade. Deixa de o ser, entretanto, quando na sociedade angolana pós-colonial já não há lugar para aquela vontade geral. Já Caposso emerge e permanece um *tipo* porque

[...] nele – em seu caráter e em seu destino – manifestam-se as características objetivas, historicamente típicas de sua classe, (sendo que) tais características se expressam, ao mesmo tempo, como forças objetivas e como seu próprio destino individual (LUKÁCS, 2009, p. 211).

Nos destinos de Aníbal e Caposso estão sintetizadas diferentes etapas de um mesmo destino coletivo. É como se Pepetela nos quisesse dizer que, se o herói épico foi o herói necessário para representar o esforço humano pela liberdade, assim como o herói trágico o foi para dramatizar a falência da utopia da integração nacional e da ideia de progresso, o herói burlesco é, nos tempos que correm, em que o capital não é mais relativizado por um possível horizonte de superação, o único capaz de sintetizar o rumo que as coisas tomaram tardiamente, pois a farsa é a única que resta em tempos de fim das ideologias.

Referências

- DENIS, B. **Literatura e engajamento: de Pascal a Sartre**. Trad. Luiz D. Roncari. São Paulo, EDUSC, 2002.
- JAMESON, F. **Marxismo e forma. Teorias dialéticas da literatura no século XX**. Trad. Iumna M. Simon *et al.* São Paulo, Hucitec, 1985.
- LUKÁCS, G. **Teoria do romance**. Trad. José M. de Macedo. São Paulo, Editora 34, 2009.





____. **O romance como epopeia burguesa.** In: *Arte e sociedade: escritos estéticos 1932-1967*. Trad. Carlos N. Coutinho e José P. Netto. Rio de Janeiro, Editora UFRJ, 2009, p. 193-243.

MATA, I. **Ficção e história na literatura angolana – o caso de Pepetela.** Luanda, Mayamba, 2010.

PEPETELA. **A geração da utopia.** Luanda, Nzila, 2004.

____. **Predadores.** Rio de Janeiro, Língua Geral, 2008.

SCHWARZ, R. **As ideias fora do lugar.** In: *Ao vencedor as batatas*. 5 ed., São Paulo, Editora 34, 2000, p. 9-31.

____. **Por que ‘ideias fora do lugar’?** In: *Martinha versus Lucrecia. Ensaios e entrevistas*. São Paulo, Companhia das Letras, 2012, p. 165-172.

DA AUTORIA: o conteúdo deste texto é de total responsabilidade de seu(s) autor (res).

